

# CONHECIMENTOS DE ADOLESCENTES SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

*Knowledge of adolescents about sexually transmitted infections*

Isabella Romão Furtado de Souza<sup>1</sup>, Guilherme Gomide Cabral<sup>2</sup>, Larissa Martins Silva<sup>1</sup>, Bruno Alves Costa<sup>1</sup>, Isabella Cristina Tristão Pinto<sup>1</sup>, Francisco José Ferreira da Silveira<sup>3</sup>

## RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A Organização Mundial da Saúde estima que mais de 500 milhões de pessoas contraem uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) curável por ano. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos estima que metade desses casos sejam em adolescentes, população vulnerável, devido a tendência à iniciação sexual precoce e ao conhecimento insuficiente sobre saúde sexual. **OBJETIVOS:** Investigar os conhecimentos de adolescentes sobre ISTs. **MÉTODOS:** Estudo observacional, transversal, aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa, com 265 alunos de uma escola pública de Minas Gerais. Foi utilizado um questionário anônimo e autoaplicável, com análise descritiva das variáveis categóricas. **RESULTADOS:** Dos participantes, 25,27% tiveram iniciação sexual. A primeira relação foi mais frequente com 16 anos de idade (41,67%). Considerando os conhecimentos sobre ISTs, cerca de metade dos participantes afirmou conhecer alguma doença (46,42%). As participantes do sexo feminino demonstraram mais conhecimentos sobre algumas formas de prevenção, se comparado aos do sexo masculino, com significância estatística em: utilização de seringas descartáveis ( $p = 0,0002$ ) e diminuição dos parceiros ( $p = 0,031$ ). **CONCLUSÃO:** Os adolescentes avaliados possuem conhecimentos insatisfatórios sobre as ISTs e sua maior fonte de informações sobre o assunto é a televisão. Conclui-se que é necessária maior atuação dos profissionais de saúde e das escolas para promover um ambiente de diálogo nas escolas e nas unidades de saúde, no qual o adolescente sinta liberdade de compartilhar suas experiências e suas dúvidas sobre sexualidade.

**Palavras-chave:** Adolescente; Infecções Sexualmente Transmissíveis; Prevenção de Doenças.

<sup>1</sup> Acadêmicos de medicina da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<sup>2</sup> Médico graduado na Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<sup>3</sup> Professor da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Autor correspondente:** Isabella Romão Furtado de Souza: Rua São Paulo 1628 - Apartamento 601, Bairro Lourdes, Belo Horizonte, Minas Gerais. CEP.: 30170132. Email: [isabella.romao17@gmail.com](mailto:isabella.romao17@gmail.com). Telefone: (34) 98806-0207

## ABSTRACT

**INTRODUCTION:** The World Health Organization estimates that more than 500 million people contract a Sexually Transmitted Infection (STI) per year. The Center for Disease Control and Prevention estimates that half of those new cases happen in teenagers, a vulnerable group due to the tendency of precocious sexual initiation and little knowledge of sexual health. **OBJECTIVES:** To investigate the knowledge of teenagers on STIs. **METHODS:** Cross-sectional and observational study, with 265 students from a public school in Minas Gerais, through the use of an anonymous and self applicable questionnaire. The research was approved by the Research Ethics Committee. Descriptive analysis was performed through the categorical variables. **RESULTS:** Of the students, 25,27% had already been sexually initiated. The most prevalent age at which the participants had their first sexual intercourse was 16 years old (41,67%). In regards to STIs previous knowledge, less than half of the students claimed to know at least one disease (46,42%). Compared to boys, girls showed greater knowledge of some forms of prevention, such as use of disposable syringes ( $p = 0.0002$ ) and decreased partners ( $p = 0.031$ ). **CONCLUSION:** The teenagers in this study have little knowledge about STIs, and their primary source of information on the subject was the television. We concluded that health professionals and schools need to promote an open dialogue environment in schools and in health care units, where teenagers should be free to share their life experiences, curiosities and uncertainties about sexuality.

**Keywords:** Adolescent; Sexually Transmitted Infections; Disease Prevention.

## INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) são uma entidade de afecções causadas por fungos, bactérias, vírus, parasitos, protozoários e artrópodes, cuja transmissão ocorre pelo contato sexual. No Brasil, as ISTs mais prevalentes são a sífilis, a gonorreia, a clamídia, o herpes genital, a hepatite B, a infecção pelo Vírus do Papiloma Humano (HPV) e pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)<sup>1,2</sup>.

Ainda hoje, as ISTs são um tema de suma importância para a saúde pública dos países em desenvolvimento e desenvolvidos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), mais de um milhão de pessoas em todo o mundo adquirem uma IST a cada dia e mais de 500 milhões contraem uma IST curável a cada ano. De acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), metade dos casos novos de ISTs nos Estados Unidos são diagnosticados em pessoas de 15 a 24 anos, tornando os adolescentes e os jovens um dos principais alvos de estudos no tema. A realidade no Brasil não é diferente, dados da OMS revelam que a cada ano no país surgem 937.000 casos novos de sífilis, 1.541.800 de gonorreia, 1.967.200 de clamídia, 640.900 de herpes genital e 685.400 de HPV<sup>1,2,3</sup>.

É perceptível na atualidade que as populações conhecem pouco sobre saúde sexual e que não aplicam os conhecimentos adquiridos sobre o tema. Desse modo,

mantém-se inseridas em um círculo vicioso, no qual a falta de conhecimento gera adoecimento, especialmente naqueles grupos mais vulneráveis, como o dos adolescentes. Drago e colaboradores, em estudo conduzido em escolas de ensino fundamental e médio da Itália, revelou que 0,50% dos alunos reconheciam ISTs em uma lista de doenças, 54% não tinham conhecimento sobre o exame de Papanicolau e 22% acreditavam que a abstinência sexual e o uso de preservativos são os únicos métodos de prevenção das ISTs<sup>4</sup>. Tendo em vista que os adolescentes compõem 25% da população sexualmente ativa no mundo e que a adolescência é uma fase de intensa transformação tanto física quanto psíquica, é de extrema relevância que esse grupo tenha acesso a projetos educacionais, como modo de melhor orientá-los sobre os riscos da prática sexual desprotegida e os benefícios da prática segura e consciente<sup>4</sup>.

Considerando a necessidade de conscientização dos adolescentes no que se refere à saúde sexual, o estudo objetivou avaliar o conhecimento deste grupo sobre os comportamentos de risco e sobre os métodos de prevenção relacionados às ISTs, em alunos de 12 aos 19 anos de uma escola pública de Minas Gerais, como forma de planejar alguma intervenção futura.

## MÉTODO

Foi realizado um estudo observacional e transversal, com abordagem quantitativa, aprovado pelo Comitê de

Ética em Pesquisa da Faculdade Ciências Médicas - Minas Gerais (Parecer nº 624.585). O projeto foi desenvolvido em uma escola pública de Minas Gerais. A coleta de dados desenvolveu-se entre os meses de abril e maio de 2014.

Os critérios de inclusão deste estudo foram: adolescentes matriculados na escola avaliada, de ambos os sexos e com idade entre 12 e 19 anos. Os participantes concordaram com a participação voluntária no estudo, após esclarecimento e mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos alunos maiores de idade ou mediante assinatura do TCLE pelos pais e do Termo de Assentimento (TA) pelos alunos menores de idade. A amostra incluiu todos os alunos da escola que se enquadraram nos critérios de inclusão e que concordaram em participar do estudo, totalizando 265 alunos, do sétimo ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio.

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário semiestruturado, instrumento de uma dissertação de mestrado de Couto e colaboradores, que avaliou as melhores formas de prevenção contra as ISTs<sup>5</sup>. O questionário foi utilizado na íntegra. Ele é composto por 21 questões envolvendo o conhecimento sobre ISTs, suas formas de transmissão, de detecção, de tratamento e de prevenção.

Os pesquisadores foram às salas de aula para esclarecer o motivo e a metodologia da pesquisa e para convidar os alunos a participar. As informações foram transmitidas aos pais com auxílio dos professores da escola; eles foram orientados a explicar o motivo e a metodologia da pesquisa e a entregar o TCLE aos pais, em reunião. Após a assinatura do TA e do TCLE, os adolescentes receberam o questionário semiestruturado, para

preencher individualmente. O tempo médio de preenchimento foi de 10 minutos. O questionário foi recolhido pela equipe de pesquisa, sem identificação nominal dos participantes. Ao término da coleta de dados foi feita uma exposição para os adolescentes sobre importância, sintomatologia, transmissão, tratamento e prevenção das principais ISTs.

Os dados obtidos foram armazenados e analisados no programa Epi Info7. Inicialmente, realizou-se a análise descritiva simples de cada item do questionário. As variáveis categóricas foram apresentadas por meio de frequências absolutas e relativas. Para variáveis categóricas foi utilizado o teste do Qui Quadrado, simbolizado por  $\chi^2$  e teste de hipóteses que avalia se existe associação entre variáveis qualitativas. O nível de significância considerado foi de 0,05.

## RESULTADOS

Foram avaliados 265 adolescentes, a maioria era do sexo feminino (72%). Os participantes tinham entre 12 e 19 anos, predominando as idades de 16 anos (21,59%) e 12 anos (20,08%). Do total, a maioria relatou residir com a família (99,62%).

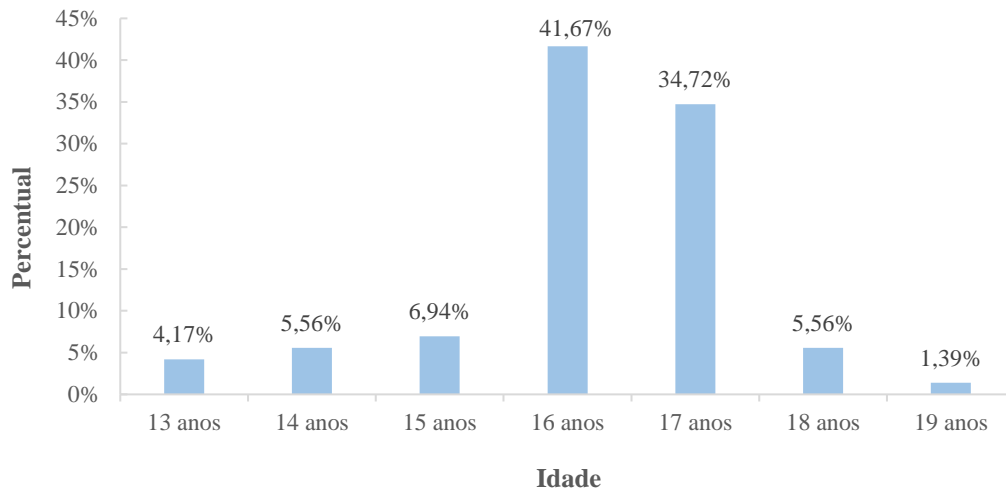
Considerando os conhecimentos em relação às ISTs, cerca de metade dos participantes afirmou conhecer alguma doença (46,42%). A mais conhecida foi a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) e houve estudantes que relataram conhecer pessoas HIV positivo (18,18%). Outras doenças citadas foram a candidíase, o condiloma acuminado, a tricomoníase, a gonorreia e a vaginose bacteriana; sendo que a candidíase e a vaginose bacteriana não são ISTs (Tabela 1).

**Tabela 1:** Distribuição das doenças conhecidas pelos adolescentes – Minas Gerais – 2014

Doenças	n (%)
Síndrome da Imunodeficiência Adquirida	198 (74,72)
Candidíase	103 (38,87)
Condiloma acuminado	86 (32,45)
Tricomoníase	75 (28,30)
Gonorreia	39 (14,72)
Vaginose bacteriana	23 (8,68)

Em relação à prática sexual, a maioria dos participantes relatou nunca ter tido relação sexual (74,73%). Dos iniciados sexualmente, a maioria foi do sexo feminino (80,56%). A idade mais frequente para a iniciação sexual foi de 16 anos, com quase metade dos adolescentes (Gráfico 1).

**Gráfico 1:** Distribuição dos adolescentes, de acordo com a idade da primeira relação sexual – Minas Gerais – 2014



Dos adolescentes iniciados sexualmente, a maioria relatou possuir relacionamento estável (48,61%) e outros jovens relataram não possuir parceiro (33,33%). Relacionamento instável com um parceiro (13,89%) ou com múltiplos parceiros (4,17%) também foi evidenciado. Em relação ao uso de preservativos, cerca de metade dos participantes relatou uso frequente (55,56%) e menor parcela relatou nunca ter utilizado (8,33%).

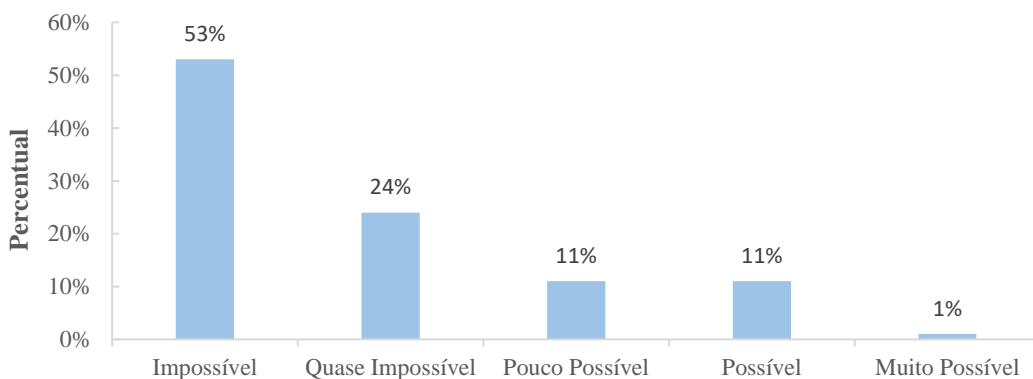
Sobre os meios possíveis para se contrair HIV (pergunta permitia marcação de múltiplas opções), a maioria dos participantes respondeu acreditar que a transmissão ocorre por transfusão sanguínea (71,70%), por relação sexual com um parceiro heterossexual (70,19%) e por compartilhamento de seringas injetáveis de drogas (69,06%). Cerca de metade dos participantes mencionou a gestação (56,60%), o compartilhamento de lâmina de barbear (49,81%) e a relação com um parceiro homossexual (49,43%). Menor parcela mencionou o beijo (10,19%) o uso comum de sanitários (8,68%), de talheres (4,15%), o aperto de mão (1,89%) e o compartilhamento do sorvete (0,75%). Parte dos

participantes não sabia responder o questionamento (7,55%).

Os participantes do sexo feminino demonstraram mais informação sobre o fato de que a transmissão materno-fetal é um meio de contaminação por uma IST ( $p=0,0005$ ). Também demonstraram mais consciência, em relação aqueles do sexo masculino, de que as seringas descartáveis constituem-se um método de prevenção de IST ( $p = 0,0002$ ). Além disso, são mais informadas de que a diminuição dos parceiros é um meio de evitar a transmissão das ISTs ( $p=0,031$ ). Em relação à importância do uso de preservativo na prevenção das doenças, essa tendência pôde também ser observada, mas neste caso sem significância estatística ( $p = 0,08$ ).

Sobre a possibilidade dos participantes de contraírem ISTs, cerca de metade relatou ser impossível e parte informou ser possível, em diferentes graus (Gráfico 2). No que se refere à história prévia de ISTs, houve relato de ferida genital, sem a presença de corrimento, de sangramento ou de verruga em poucos estudantes (0,38%). Além disso, uma parcela não soube informar se já contraiu alguma IST (4,58%).

**Gráfico 2:** Percepção dos adolescentes em relação à chance de serem contaminados por IST – Minas Gerais – 2014



Entre os métodos que devem ser utilizados para prevenir a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) (pergunta permitia marcação de múltiplas opções), a opção mais citada foi o uso de preservativo em todas as relações, seguida por: realização de exames para o diagnóstico da doença, uso de seringas descartáveis, uso

de vacina, exame em doadores de sangue antes da transfusão, diminuição de parceiros, relação com parceiro fixo, uso de medicamentos e abstinência sexual (Tabela 2). Uma minoria não soube responder o questionamento (4,15%).

**Tabela 2:** Distribuição dos meios de prevenção identificados pelos adolescentes – Minas Gerais – 2014

Meios de prevenção	n (%)
Preservativo	206 (77,74)
Exames de diagnóstico	112 (42,26)
Seringas descartáveis	110 (41,51)
Vacinação	73 (27,55)
Teste sanguíneo	63 (23,77)
Diminuição de parceiros	57 (21,51)
Relação fixa	44 (16,60)
Uso de medicamentos	16 (6,04)
Abstinência sexual	13 (4,91)

Em relação aos métodos que utilizavam para se protegerem da SIDA (pergunta permitia marcação de múltiplas opções), parcela dos adolescentes relatou utilizar preservativo em todas as relações (25,66%), não usar nenhum método (8,68%), utilizar preservativo irregularmente (4,91%), reduzir o número de parceiros (3,02%), ter relações com parceiro único (1,51%) e interromper os atos sexuais (1,51%).

As fontes que os adolescentes utilizavam para obter informações sobre sexualidade e ISTs eram: televisão (52,45%), escola (46,79%), jornais e conversas familiares (41,51%), publicações médicas (39,62%), palestras (36,23%), amigos e colegas (30,94%), rádio (7,17%), revistas eróticas (7,17%) e informativos do Grupo de Apoio e Prevenção à SIDA (GAPS) (0,75%).

## DISCUSSÃO

A adolescência é uma fase da vida caracterizada por um complexo processo de crescimento e de desenvolvimento biopsicossocial. A faixa etária que engloba essa etapa vai de 10 a 20 anos, para a OMS, e de 12 a 18 anos, para o Estatuto da Criança e do Adolescente. Durante a puberdade, o adolescente vivencia modificações somáticas com aceleração e desaceleração do crescimento, modificação da composição e da proporção corporal, desenvolvimento dos sistemas biológicos, maturação sexual com emergência de caracteres sexuais secundários e reorganização neuroendócrina. Além disso, vive complexas experiências intrapsíquicas que culminam no desligamento progressivo dos pais, do ambiente e dos valores da infância e na aquisição do sentimento de

identidade, com a reformulação de sua autoimagem a partir de novos esquemas corporais e de novas modalidades de relacionamento consigo próprio, com a família e com a sociedade<sup>6</sup>.

O processo de formação do adolescente envolve o desenvolvimento da sexualidade, fenômeno multifatorial com aspectos biopsicossociais que influencia o indivíduo na maneira de ser, de compreender e de viver como homem ou como mulher. Sua expressão é influenciada pela a qualidade das relações afetivas, pelas transformações vivenciadas, pelos valores da família e da sociedade na qual o indivíduo está inserido. Por ser um fenômeno novo, as vivências do adolescente em relação à sexualidade baseiam-se em inseguranças e em desconhecimentos. Os estereótipos, medos e preconceitos aumentam a vulnerabilidade do grupo a problemas nesse campo, principalmente quando não encontram um ambiente onde possam esclarecer suas dúvidas e dialogar sobre suas vivências<sup>6</sup>.

O exercício da cidadania inclui a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos. Para isso as práticas educativas se tornam indispensáveis, auxiliando no desenvolvimento da autonomia e do autocuidado, no que diz respeito à sexualidade<sup>6</sup>. Essas práticas devem começar no início da adolescência ou mesmo na infância, antes da primeira relação sexual. A idade da sexarca é importante, pois relaciona-se às condições do indivíduo que lhe permitem manejar situações que possam trazer consequências à sua saúde no futuro. Gonçalves e colaboradores, avaliaram 4.325 adolescentes brasileiros de 10 a 14 anos e encontraram uma prevalência de iniciação sexual precoce ( $\leq 14$  anos)

de 18,60%<sup>7</sup>. O estudo apontou relação entre iniciação precoce e comportamentos vulneráveis à saúde como o não uso de métodos contraceptivos e de preservativos. Além disso, as prevalências de gravidez, de aborto, de embriaguez e de experimentação de drogas lícitas e ilícitas foram elevadas naqueles que iniciaram a vida sexual precocemente. Entre os que tiveram iniciação até os 14 anos, o escore de dois ou mais comportamentos de risco foi 50,50% entre os meninos e 60,60% entre as meninas. Entre os que não tiveram, o escore foi de 15,80% e 19,20% entre meninos e meninas, respectivamente<sup>7</sup>. Kim e colaboradores encontraram resultados semelhantes, demonstrando uma relação independente entre iniciação precoce e maior risco de contrair ISTs, de gravidez na adolescência e de outros comportamentos de risco, como o uso de drogas lícitas e ilícitas<sup>8</sup>.

Nesta análise, cerca de um quarto dos entrevistados relatou ter iniciado a vida sexual. A idade mais frequente da primeira relação sexual, 16 anos, está acima dos valores encontrados em outras partes do Brasil. Silva e colaboradores avaliaram 233 adolescentes escolares de uma região de baixa renda de Goiânia, com o intuito de identificar os comportamentos de risco para as ISTs<sup>9</sup>. O autor identificou uma média de idade da primeira relação de 14,9 anos, com média de quatro parceiros por pessoa. Os dados também são correspondentes aos do estudo realizado na Itália por Drago e colaboradores, em que foi encontrada idade média da primeira relação de 15 anos<sup>4</sup>. O estudo italiano demonstrou, ainda, que o uso de métodos de barreira ocorre em todas as relações em cerca de 77% dos entrevistados. Em contraste, o presente estudo identificou o uso frequente de preservativo por 55,56% dos adolescentes iniciados sexualmente e o uso em todas as relações por 25,66%<sup>4</sup>. A diferença entre a utilização dos métodos de barreira para prevenção de ISTs entre os países pode estar relacionada às fontes de informação no tangente à sexualidade e ISTs utilizadas pelos jovens. Isso pode ser concluído tendo em vista que na amostra analisada, a principal fonte de informação foi a televisão, ao passo em que na amostra italiana, a principal fonte considerada pelos jovens foi a escola e o diálogo com os pais<sup>4</sup>.

Os adolescentes avaliados possuem conhecimentos deficientes em relação às ISTs, sendo que menos da metade dos entrevistados relatou conhecer alguma. Talvez por esse fato, cerca de 4,58% dos jovens não souberam informar se já contraíram alguma dessas doenças, de modo que a falta de conhecimento sobre o tema impede, inclusive, a procura de profissional da área da saúde capacitado e, por conseguinte, o diagnóstico. Os participantes do sexo feminino demonstraram mais informação sobre o fato de que a transmissão materno-fetal é um meio de contaminação por uma IST, que as seringas descartáveis constituem-se um método de prevenção de ISTs e que a diminuição dos parceiros é um meio de evitar a transmissão das ISTs. Em outro estudo sobre os meios de prevenção das ISTs, Brêtas e

colaboradores perceberam que as participantes do sexo feminino demonstraram ter mais conhecimento que o sexo masculino, principalmente no que diz respeito ao uso do preservativo masculino, seguido de consulta médica periódica e de maior conhecimento do parceiro sexual<sup>10</sup>. Fonte e colaboradores entrevistaram 768 jovens de 18 a 29 anos e verificaram que conhecimentos deficientes também estão presentes na população universitária<sup>11</sup>. Além disso, constatou que estudantes do sexo feminino, casadas ou que viviam junto, que tinham filhos e cursavam a área da saúde possuem mais conhecimento sobre o tema<sup>11</sup>.

A IST mais conhecida pelos entrevistados foi a SIDA. O achado está em acordo com o estudo de Brêtas e colaboradores, que avaliou adolescentes, de ensino fundamental e ensino médio, e também encontrou a SIDA como a mais conhecida e a infecção pelo HPV como a menos conhecida<sup>10</sup>. Ainda considerando o estudo de Drago, diferentemente do observado na amostra deste estudo, os jovens italianos tiveram conhecimentos sobre SIDA inferiores àqueles sobre o HPV, ao passo em que os jovens brasileiros demonstraram o inverso<sup>4</sup>. Possivelmente essa diferença foi secundária ao fato de a síndrome ser mais estigmatizada e mais divulgada pela mídia. Ainda assim, parte da amostra avaliada nesse estudo (27,92%) afirmou que existe uma vacina contra SIDA, valor superior ao encontrado no estudo brasileiro de Couto, no qual 14,59% dos adolescentes afirmaram a vacina como um método de prevenção, desconhecendo o fato de que não há vacinação, até a presente data, contra o HIV<sup>5,12</sup>. Desta forma, fica claro que muito se deve investir em educação sexual para os adolescentes, tendo em vista a falta de confiabilidade de muitas das informações absorvidas por esse público.

Observou-se ainda a falta de informação por parte dos entrevistados sobre os meios de transmissão do HIV. Alguns adolescentes demonstraram desconhecer determinados meios de contágio e outros demonstraram acreditar no contágio por formas equivocadas, como o beijo e o uso comum de sanitários. O uso do preservativo em todas as relações foi o método para prevenção de SIDA mais mencionado pelos adolescentes. Em contraste, pequena parcela relatou utilizar preservativo em todas as relações para se proteger da infecção pelo HIV e parte relatou não usar nenhum método ou utilizar preservativo irregularmente. Segundo dados do Ministério da Saúde, a utilização do preservativo em todas as relações sexuais é baixa entre os adolescentes, corroborando com o aumento da infecção pelo HIV entre as pessoas dessa faixa etária<sup>6</sup>. Dessa forma é importante que essa população tenha conhecimento sobre os meios possíveis de transmissão, acesso a ações educativas e a atendimento (sigiloso e multidisciplinar) para aconselhamento e detecção precoce de ISTs<sup>6</sup>. Especialmente pelo fato de que os entrevistados nesta análise, tiveram dificuldade em reconhecer as ISTs dentre uma lista de doenças, que incluía infecções não

transmissíveis pela via sexual. Acredita-se, inclusive, que a dificuldade dos jovens no não reconhecimento das infecções, se deve à carência de informações confiáveis e ao não reconhecimento de sua vulnerabilidade, isso que pode evidenciado quando 53% dos adolescentes responderam ser impossível, para eles, contrair uma IST.

Quanto ao papel da escola, é importante ressaltar que 46,79% dos adolescentes relataram ter a escola como uma fonte de informação sobre educação sexual. Esse dado evidencia que cerca de metade dos jovens não percebe a escola como um local de referência na busca por informações sobre o assunto. A escola é um cenário desafiador no que diz respeito ao diálogo com os adolescentes sobre sexualidade, pois o tema é complexo e exige educadores preparados para abordar o assunto com segurança, com liberdade e com ética<sup>13</sup>. O estudo ressalta que esse diálogo é imprescindível, visto que foi identificada um déficit no conhecimento por parte dos estudantes e um potencial no papel da escola como ambiente formador de opiniões e construtor de cidadãos informados e preparados para adotar escolhas conscientes. Além disso, ressalta-se que é necessária a maior integração entre os setores da saúde e da educação, locais para o fortalecimento de ações prioritárias à população. Essa integração aumenta as chances de as ações produzirem resultados favoráveis à saúde, com aprendizado dos educandos e com otimização da capacidade técnica e do tempo dos envolvidos<sup>14</sup>. Após a conclusão da análise de dados, a equipe de pesquisa retornou à escola avaliada para realizar ações educativas com os participantes, elaborando palestras voltadas para as principais dúvidas dos participantes da pesquisa. Pensa-se portanto, que trabalhos de educação em saúde para esse público em formação deve ser prioridade. Assim, é intenção deste grupo de pesquisa, que o trabalho desenvolvido seja perpetuado.

Por fim, cabe ressaltar que o presente estudo possui algumas limitações, como o fato de que as respostas ao questionário aplicado foram baseadas na memória dos participantes e em suas interpretações das perguntas, portanto o viés de memória e de interpretação deve ser levado em consideração. Além disso, o estudo abrangeu apenas uma escola pública do estado de Minas Gerais, impossibilitando os resultados da amostra de serem extrapolados para toda a população adolescente da cidade, devido às diferenças socioeconômicas e culturais entre as demais escolas públicas e/ou particulares. Há que se considerar, ainda, que o instrumento utilizado para o levantamento de dados falhou em abordar o contexto social, o cultural, o econômico e o familiar dos jovens em análise, além de ser falho em avaliar a percepção e perpetuação de comportamentos de risco, sabidamente relacionados às ISTs.

## CONCLUSÃO

Neste estudo foi identificado que os adolescentes possuem conhecimentos insatisfatórios sobre as ISTs e que mais da metade dos estudantes acreditam ser impossível ter a chance de serem contaminados por ISTs. Fica evidente, portanto, que trabalhar o conhecimento dos adolescentes é um desafio de suma importância, favorecendo as práticas sexuais seguras. Assim, conclui-se que profissionais de saúde e da educação devem valorizar o ambiente escolar como um ambiente de promoção da saúde. Procurando oportunidades para refletir sobre estratégias que favoreçam a criação de um ambiente de diálogo no qual o adolescente sinta liberdade de compartilhar suas experiências de vida, curiosidades e inquietações sobre sexualidade.

## REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo\\_clinico\\_di\\_retrizes\\_terapeutica\\_atencao\\_integral\\_pessoas\\_infecoes\\_sexualmente\\_transmissiveis.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_di_retrizes_terapeutica_atencao_integral_pessoas_infecoes_sexualmente_transmissiveis.pdf)
2. Brasil. Ministério da Saúde. Vigilância, prevenção e controle das IST, do HIV/AIDS e das hepatites virais, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>
3. Centers for Disease Control and Prevention. Atlanta: U.S. Department of Health and Human Services. Sexually transmitted disease surveillance, 2013. Disponível em: <http://www.cdc.gov/std/stats13/surv2013-print.pdf>. Updated 2014.
4. Drago F, Ciccicarese G, Zangrillo F, Gasparini G, Cogorno L, Riva S, et al. A survey of current knowledge on sexually transmitted diseases and sexual behaviour in Italian adolescents. *International journal of environmental research and public health* 2016; 13(4):422-31.
5. Couto V. Sexualidade e DST/AIDS: conhecimentos e práticas de proteção com escolares. Tese [Mestrado] - Universidade Metodista de São Paulo; 2004.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica [recurso eletrônico]. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017. p. 234
7. Gonçalves H, Machado EC, Soares ALG, Camargo-Figuera I FA, Seerigl LM, Mesenburg I MA, et al. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *Rev bras epidemiol* 2015; 18(1):25-41.
8. Kim HS, Choe BM, Park JH, Kim SH. Early menarche and risk-taking behavior in Korean adolescent students. *Asia-Pacific Psychiatry* 2017; 9(3):e12273.
9. Silva P, Oliveira M, Matos M, Tavares V, Medeiros M, Brunini S, et al. Comportamentos de risco para as doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes escolares de baixa renda *Revista Eletrônica de Enfermagem UFG* 2005; 7(2):185-89.
10. Brêtas J, Ohara C, Jardim D, Muroya R. Conhecimento sobre IST/SIDA por estudantes adolescentes. *Ver esc enferm USP* 2009; 43(3): 551-57.
11. Fonte VRF, Spindola T, Francisco MTR, Sodré CP, André NLNO, Pinheiro CDP. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. *Esc Anna Nery* 2018; 22(2):e20170318.

12. Amorim R, Damião M. Vacinas contra o HIV: por que ainda não as temos? Disponível em: [www.icb.ufrj.br/.../Vacinas-contr-o-HIV](http://www.icb.ufrj.br/.../Vacinas-contr-o-HIV)
13. Melo, MCP. SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: entrelaçando atitudes, posturas e estratégias em sala de aula com o apoio da Estratégia Saúde da Família. Tese [Doutorado] – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2017.
14. Brasil. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Documento orientador: Indicadores e padrões de avaliação – Programa de Saúde na Escola. Brasília, 2017.